

Literatura utilizada no ensino de graduação em biblioteconomia no Brasil: produtividade institucional

Eduardo José Wense Dias* Monica Cadrodo Pitella*
Anália das Graças Gadine Pontello**

Características da bibliografia utilizada nos programas dos cursos de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade de São Paulo. Identificação das instituições a que estão vinculados os autores presentes nessa bibliografia e estabelecimento do ranking de produtividade dessas instituições com base nessa bibliografia. Algumas diferenças são notadas entre esse e dois outros rankings de qualidade acadêmica existentes, o que sugere a oportunidade desse novo ranking.

157

1 Introdução

Neste trabalho, relatam-se os resultados de pesquisa cujo objetivo foi avaliar a viabilidade/importância da literatura didática*** como indicador de produtividade acadêmica. Essa literatura, de acordo com classificação proposta por SUBRAMANIAN¹, faz parte do grupo da literatura secundária, ou seja, material que se baseia em informações filtradas da literatura primária. Esta última é constituída, basicamente, das contribuições originais de pesquisa. O reconhecimento recebido por cientistas e pesquisadores, em termos de prestígio e projeção profissional, é quase

* Professores da Escola de Biblioteconomia da UFMG

** Bibliotecária da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

*** A expressão "literatura didática" é utilizada neste texto não apenas no sentido de "textos didáticos", ou seja, textos escritos com a finalidade precípua de utilização no ensino, mas também no sentido de "literatura que tem utilidade didática". Nem todos os textos utilizados em cursos de graduação são textos didáticos propriamente ditos. Os professores utilizam também outros tipos de textos. Todos os textos presentes nas bibliografias analisadas neste estudo são, portanto, literatura didática, para efeitos deste artigo.

que exclusivamente em função dessas contribuições originais². Com isso, outros produtos importantes do trabalho intelectual e que deveriam também obter reconhecimento, de forma a estimular seus produtores, são menosprezados.

ZIMAN³ lamentou esse menosprezo especificamente em relação à produção de revisões de literatura. Embora atividade importantíssima no contexto geral da ciência, não trazia, e continua não trazendo, para seus autores, o mesmo reconhecimento conferido à produção de literatura primária. Não surpreendentemente, as revisões de literatura também se classificam como literatura secundária.

Outros produtos deveriam ser também reconhecidos e recompensados, de vez que contribuem, de uma forma ou de outra, para a realização do trabalho científico. Outro exemplo que se pode citar - este aparentemente de preocupação mais recente como objeto de estudo - são as contribuições registradas nas seções de "Agradecimentos" dos relatórios de pesquisa⁴. Quando o autor de um relatório faz esse tipo de agradecimento, é porque a pessoa mencionada contribuiu de alguma forma para uma melhor realização do trabalho relatado. Há uma tendência de se recompensar qualquer tipo de contribuição em que o cientista se engaje, por menos nobre ou visível que possa parecer, à primeira vista. Essa recompensa vai estimular outros cientistas e pesquisadores a também prestarem esse tipo de colaboração no futuro.

É dentro dessa categoria dos "deserdados do reconhecimento científico" que talvez se possa situar o texto didático, instrumento importante na formação de todos os tipos de profissionais e, por conseguinte, dos futuros cientistas e pesquisadores.

2 Definição do problema

De vez que o reconhecimento intelectual existente no meio acadêmico é voltado apenas para a produção de literatura primária, deve-se formular a hipótese de que a produção de literatura secundária não é necessariamente ou devidamente levada em conta pelos mecanismos de avaliação da produção acadêmica. Por conseguinte, uma avaliação que tomasse por critério a produção de literatura didática poderia diferir das avaliações atualmente existentes.

3 Justificativa da pesquisa

A carência de textos de natureza didática em língua portuguesa é um problema sentido na área de biblioteconomia e ciência da informação e tem sido ressaltada por

diversos autores (FIGUEIREDO^{5,6}; MACIEL⁷). Conseqüentemente, a qualidade do ensino é de alguma forma comprometida, se aceita a premissa de que o texto didático é instrumento importante no processo de ensino.

Por que essa ausência de textos? Uma hipótese é que não há uma recompensa devida para seus produtores, nem de mercado, nem intelectual. Não há uma recompensa de mercado porque o público consumidor é restrito. Por outro lado, não se tem notícia de recompensas nas instâncias acadêmicas, onde o que é mais valorizado é a produção de literatura primária, conforme discutido acima. Na ausência de textos didáticos, os docentes têm que lançar mão de outros recursos como, por exemplo, o uso de textos destinados a outras áreas. Oliveira, tratando da falta de planejamento nas bibliotecas universitárias brasileiras, pergunta: "quanto de texto sobre planejamento empresarial é utilizado nas salas de aula [de biblioteconomia], desprezando-se as devidas diferenças e similaridades"⁸? E essa "adaptação" ocorre de forma ampla, com a utilização de todo tipo de material na bibliografia didática. Isso certamente ocorre em função da carência de textos didáticos propriamente ditos.

Uma forma de estimular a preparação desse tipo de texto seria procurar recompensar seus autores de alguma maneira. É o que se buscou fazer com esta pesquisa, ao examinar o material bibliográfico utilizado nos cursos de biblioteconomia e identificar as instituições a que estão vinculados os autores desse material.

4 Revisão da literatura

Nada há, de específico, publicado, sobre o assunto deste estudo. Nesta revisão, fazemos referência a alguns poucos estudos que tratam da bibliografia utilizada no ensino de biblioteconomia e ciência da informação, sob diferentes perspectivas, e em maior ou menor profundidade. Discutimos também alguns estudos sobre a técnica da análise de citações e seu uso em pesquisa, já que esta foi a técnica utilizada na presente pesquisa.

4.1 A literatura utilizada no ensino de biblioteconomia/ciência da informação

SCHLEYER & COLONELLI⁹ analisaram a origem, situação e uso da literatura didática de biblioteconomia na década de 70. A análise baseou-se no material enviado pelos 29 cursos que então existiam no Brasil e que participaram do projeto sobre o *status quo* das escolas de biblioteconomia e documentação¹⁰. As autoras dessa introdução ao volume 3 do relatório geral do projeto concluíam que a literatura utilizada era "excessivamente orientada para as disciplinas técnicas"; destacavam a depen-



dência aos textos estrangeiros; e clamavam por um "conjunto de textos básicos nacionais".

GOMES¹¹ trata do problema do ensino de bibliografia, afirmando que é "grandemente prejudicado pela falta de bibliografia em língua portuguesa". Credita a falta do livro-texto em português à disparidade de pontos de vista no ensino da matéria. Isto foi comprovado por meio de uma análise dos programas dessa disciplina em 15 escolas de biblioteconomia. Conclui a autora: "Não seria o caso de se estimular a produção de livros didáticos em português sobre Bibliografia?"

FIGUEIREDO¹² estudou a bibliografia utilizada pelos cursos de biblioteconomia, "com o propósito de identificar as disciplinas com cobertura insuficiente de material bibliográfico de apoio". A autora fez sua pesquisa junto a dez cursos de graduação. Nas conclusões, destaca que as maiores deficiências estavam na parte de prestação de serviço ou no setor de referência. Nota também que material produzido especificamente para uso no ensino praticamente não existe. E que há uma certa desatenção com a literatura disponível, que nem sempre é aproveitada em sala de aula.

Em outra reflexão, sobre o mesmo estudo, Figueiredo observa: o aspecto totalmente negativo na pesquisa foi a idade das citações de bibliografias utilizadas em disciplinas profissionalizantes: a maioria é do período de 1973-1979 e de 1970-1974.¹³ É uma constatação que, acreditamos, muitos docentes têm podido observar em várias outras situações.

Recentemente, num concurso público para cargo de bibliotecário, em Belo Horizonte, era de se notar que a bibliografia indicada datava, em sua maioria, da década de 70. Perguntado sobre o porquê disso, replicava o responsável pela organização do concurso: "Não existe nada recente sobre esses tópicos". "Esses tópicos", no caso, eram alguns dos conceitos mais centrais à área, tais como processamento técnico de coleções, desenvolvimento de coleções, referência e administração de bibliotecas.

Desnecessário dizer que essa é uma situação que deve preocupar os educadores. Como observa Figueiredo, "tantos documentos antigos sendo ainda utilizados para o ensino constituem um indicador de necessidade de produção de novos textos para atualização de conhecimentos e técnicas. Também, não se pode considerar o ensino como eficiente quando se faz uso de textos ultrapassados."¹⁴

4.2 A técnica de análise de citações

A análise de citações é a técnica de medir e avaliar a produtividade de cientistas e publicações científicas com base nas citações recebidas por esses autores e essas publicações. Quando um cientista publica um trabalho, quase que obrigatória-

mente deve citar outros trabalhos referentes ao mesmo tópico, que o antecederam. A lógica dessa técnica é a de que a citação de um trabalho significa um reconhecimento da qualidade ou importância do trabalho.

Esse tipo de avaliação depende da disponibilidade de dados apropriados, que podem ser de coleta difícil. Uma instituição que coleta regularmente esses dados é o *Institute for Scientific Information* (ISI), que o faz com o objetivo principal de produzir índices de citações. Entretanto, o ISI tem usado esses dados também para fazer análises de citação. Assim, desde 1975 o Instituto tem feito avaliações de periódicos científicos com base nesses dados, publicadas anualmente no *Journal Citation Reports* (JCR). A análise para o ano de 1981, por exemplo, mostrava que nesse ano o periódico mais citado tinha sido o *Journal of Biological Chemistry*, com 117.001 citações, ao passo que o menos citado fora o *Journal of Lymphology* (*Zeitschrift fur Lymphologie*). Este último, junto com outros 50 periódicos, ocupava a 3.898ª posição. Além de análises como essa, vários outros tipos de análises aparecem no JCR¹⁵.

No que se refere aos autores individuais, tem sido possível também analisar-lhes a produtividade. Tradicionalmente, a avaliação da produtividade de um autor toma por base uma contagem de tudo que publicou. É, portanto, um tipo de avaliação que não faz qualquer distinção entre as publicações, de vez que as coloca todas num mesmo patamar. Ao contrário, a avaliação com base no que foi citado é uma forma de introduzir o aspecto qualitativo nesse processo. Isto tem sido comprovado por uma série de estudos que sugerem que a contagem de citações se correlaciona com uma variedade de medidas de desempenho, tanto subjetivas quanto objetivas¹⁶. Um dos estudos pioneiros nessa linha é o de CLARK, que mostrou a relação entre citação e *status* na área de psicologia¹⁷. COLE & COLE demonstraram haver uma correlação entre número de citações recebidas por um autor e seu prestígio no meio acadêmico, prestígio aferido por indicadores como prêmios recebidos, inclusive o Nobel, e reputação dos autores¹⁸. Sob um outro enfoque, LAWANI & BAYER demonstraram que trabalhos considerados de alta qualidade são altamente citados nos cinco anos seguintes a sua publicação¹⁹.

5 Indicadores de excelência acadêmica

Dois dos mais conhecidos indicadores de excelência acadêmica no Brasil são o *Guia do Estudante*²⁰, da Editora Abril, e a avaliação dos cursos de pós-graduação da CAPES²¹. São indicadores que tem limitações, como qualquer instrumento de avaliação certamente terá, mas não deixam de refletir algum consenso existente sobre a qualidade dos cursos de graduação e pós-graduação no País.



5.1 Guia do Estudante

O *Guia do Estudante*, publicado pela Editora Abril, inclui uma classificação dos cursos superiores, "que estabelece cinco categorias (de fraco a excelente) para todos os cursos de graduação do Brasil"²⁰. Essa classificação é baseada num conjunto de critérios, entre os quais citam-se:

- capacitação dos professores que efetivamente dão aulas na graduação;
- regime de trabalho desses professores;
- quantidade, qualidade e utilização dos recursos didáticos (bibliotecas, laboratórios, clínicas e hospitais universitários);
- estímulo a pesquisa e sua interrelação com o ensino de graduação;
- serviços de apoio ao estudante e infra-estrutura acadêmica." ²¹

A avaliação dos cursos de biblioteconomia brasileiros, de acordo com o *Guia do Estudante*, é mostrada no Anexo 1. Dois cursos se destacam nessa lista, o da Universidade Federal de Minas Gerais UFMG (UFMG) e o da Universidade de São Paulo (USP), os únicos a merecerem a cotação de quatro estrelas, máxima para a área de biblioteconomia. Tem também boa cotação, com três estrelas, nove outros cursos: UnB, UEL/Londrina, UFPR, UNI-RIO, UFRGS, UFSC, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, PUC/Campinas e UNESP/Marília. É bom lembrar, ainda, conforme se observou acima, que a cotação máxima utilizada pelo *Guia* é de cinco estrelas, não alcançada por nenhum dos cursos de biblioteconomia.

5.2 Avaliação da CAPES

A avaliação da CAPES é a única no País que inclui todos os cursos de pós-graduação *stricto sensu* e vem sendo realizada, bienalmente, desde a segunda metade da década de 70. A CAPES atribui aos cursos os conceitos A, B, C, D e E, sendo que em alguns casos o conceito é acrescido de um sinal + ou - .

A última avaliação disponível da CAPES, à época de realização deste estudo, refere-se ao período 1990/1991²². Para os cursos de mestrado da área de Ciência da Informação, a avaliação é a mostrada no Anexo 2.

Os cursos da UFMG e da USP também se destacam nesta outra perspectiva de avaliação. Um aspecto que merece destaque é o fato de esta classificação estar muito em sintonia com a classificação do *Guia do Estudante*. Excluída a UFRJ, que não tem curso de graduação em biblioteconomia, observamos o seguinte: os cursos que aqui têm cotação A correspondem aos cursos do *Guia* com cotação de quatro estrelas; os cursos A- e B+, aos de três estrelas; e o curso B, aos de duas estrelas.

6 Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo é baseada na técnica de análise de citações. Partiu-se do pressuposto de que a inclusão de um item bibliográfico num programa de curso assemelha-se ao processo de citação de autores num trabalho científico, no sentido de que a inclusão no programa também é uma forma de reconhecimento da qualidade do item incluído.

Tendo em vista o carácter exploratório da pesquisa, decidiu-se trabalhar apenas com os dois cursos de biblioteconomia melhor cotados no *Guia* da Abril e na avaliação da CAPES, ou seja, os da Universidade Federal de Minas Gerais e da Universidade de São Paulo-USP. Se são os melhores cursos do país, deve-se acreditar que a bibliografia utilizada pelos seus professores seja também de qualidade. Além disso, é de se esperar que os programas de curso tenham a melhor apresentação possível, em termos da fidelidade dos dados bibliográficos, aspecto importante para o estudo. Esses cursos passam a ser identificados, daqui por diante, também pelas seguintes siglas:

EB/UFMG - Biblioteconomia da UFMG

ECA/USP - Biblioteconomia da USP

Os dados coletados referem-se ao material bibliográfico utilizado em todas as disciplinas oferecidas no primeiro semestre de 1991 pelos cursos mencionados. Excluiu-se, entretanto, as disciplinas que não eram de responsabilidade dos departamentos de biblioteconomia, como é o caso, por exemplo, das disciplinas "Teoria Geral da Administração" e "Estatística", na EB/UFMG, que são de responsabilidade dos departamentos de Ciências Administrativas e de Estatística, respectivamente.

O processo de coleta de dados consistiu em tomar-se os programas distribuídos por todos os professores dos dois cursos naquele semestre e analisar os dados constantes da bibliografia indicada em cada disciplina. Na EB/UFMG, foram 27 disciplinas, com uma média de 11 referências por programa. Na ECA/USP, foram 17 disciplinas, com uma média de três referências. O universo foi limitado, entretanto, àqueles itens de autoria de pessoas físicas; desse universo, trabalhou-se com uma amostra de 50%, escolhida aleatoriamente. Para cada autor procurou-se identificar a instituição a que estava vinculado quando da publicação do item constante da bibliografia.



7 Características gerais da bibliografia analisada

7.1 Distribuição geográfica

Em primeiro lugar, os dados nos mostram o perfil da literatura analisada, de acordo com a distribuição geográfica das instituições a que estão vinculados os autores (TAB. 1). Como era de se esperar, tanto a literatura nacional quanto a estrangeira são utilizadas nos cursos estudados, mas a maioria provém de autores vinculados a instituições brasileiras.

TABELA 1
Distribuição da literatura didática de biblioteconomia, de acordo com o país das instituições dos Autores (em %)

ORIGEM	EB/UFMG	ECA/USP
Brasil	63.1	67.2
Outros Países	30.8	29.5
Não Identificados/Sem vínculo	6.0	3.3

Quanto às Escolas, consideradas separadamente, a diferença é pequena, variando de cerca de 1 a 3%. A ECA/USP utiliza uma porcentagem ligeiramente maior (67.2%) de literatura brasileira do que a EB/UFMG (63.1%).

Por outro lado, a TAB. 2 especifica mais a origem da literatura estrangeira. Esses dados comprovam algo que já se suspeitava, a forte influência anglo-saxônica na biblioteconomia brasileira, comparativamente ao impacto da literatura de outros paí-

TABELA 2
Distribuição da literatura didática utilizada na graduação de biblioteconomia, de acordo com o país das instituições dos autores (%)

País	EB/UFMG	ECA/USP
Brasil	63.1	67.2
EUA	15.5	6.5
Inglaterra	9.3	11.5
Outros Países	6.0	11.5
Não Identificados/Sem vínculo	6.0	3.3

(57.5%) o que sugere uma atualização boa do material utilizado. A medida que se regride no tempo, menor é a quantidade de literatura. O item mais antigo é de 1904.

7.4 Língua original

Procurou-se verificar a distribuição do material analisado, tanto em termos da língua original em que foi redigido quanto daquela em que aparece na bibliografia. No que diz respeito a língua original, a TAB. 5 mostra os dados.

1. Português	71.5
2. Inglês	21.3
3. Espanhol	2.7
4. Outras	2.7

É de certa forma surpreendente que a maioria do material tenha sido originalmente redigido em língua portuguesa, tendo em vista a reclamação generalizada de carência de textos na área. Entretanto, devemos considerar que o que pode estar ocorrendo é uma utilização "adaptada" ou "improvisada" de textos não-didáticos, inclusive provenientes de outras áreas do conhecimento.

Quanto à língua dos textos constantes nas bibliografias dos cursos, os dados são os da TAB. 6.

1. Português	82.4
2. Inglês	15.7
3. Espanhol	1.9
4. Outras	----

O português é a língua que predomina na bibliografia, o que é natural, tendo em vista as limitações lingüísticas dos alunos de graduação. Por isso mesmo, a percentagem de material em língua inglesa parece surpreendente. É importante notar que uma análise, ainda que superficial, mostra que esses textos em língua inglesa não se constituem de material de referência, tais como bibliografias ou listagens terminológicas (*thesauri*, listagens de cabeçalhos de assunto), mas textos que realmente exigem

um domínio da língua muito maior do que o exige o simples material de referência.

Ao mesmo tempo, é também de se estranhar a baixa porcentagem de textos em espanhol, considerando, aparentemente, a maior facilidade que os alunos sentem com essa língua, se comparada ao inglês. Esse pouco aproveitamento do texto espanhol é tanto mais de estranhar quando se sabe que há inclusive um número muito maior de traduções para o espanhol do que para o português, de um modo geral, sendo de esperar que assim ocorra também na área de biblioteconomia e ciência da informação. Além disso, como bem observaram Schleyer & Colonelli, no trabalho anteriormente mencionado²³, o espanhol é um dos idiomas oficiais de vários organismos internacionais (UNESCO, OPAS, OEA, entre outros) que publicam muita literatura da área.

8 Instituições mais produtivas

Tendo em vista os objetivos da pesquisa, a TAB. 7 procura apresentar, de forma específica, as diversas instituições nacionais a que estão ligados os autores citados nos programas analisados.

De acordo com esses dados, a UFMG é a instituição mais produtiva, responsável por 16,0% da literatura. Segue-se a USP, com 9.3%, e a UnB, com 7.7%. Se se ignora os dois primeiros colocados, que naturalmente são beneficiados pelo fato de os cursos estudados serem os seus próprios cursos, e também o fato esperado de instituições do eixo Rio-São Paulo terem papel de destaque em qualquer *ranking* acadêmico nacional, é de se destacar, entre as nove instituições mais produtivas as únicas duas instituições acadêmicas que estão fora desse esquema: a UnB, em terceiro lugar, e a UFRGS, em sexto lugar.

Como era de se esperar, há uma presença marcante de instituições acadêmicas, tanto as que oferecem cursos na área de biblioteconomia quanto algumas que não o fazem. Há também a presença de instituições não-acadêmicas, o que mostra algum vigor produtivo daqueles dedicados à prática profissional não docente.

Esta lista não apresenta grandes surpresas. Com efeito, todas as seis instituições brasileiras com cursos de mestrado na área - PUCCAMP, UFMG, UFRJ, UFPB, UnB e USP estão representadas, grupo de que fazem parte também as duas únicas instituições que oferecem doutorado na área, a UFRJ e a UnB. A notar apenas a má colocação da PUCCAMP, posicionada no grupamento de instituições que estão no último lugar da lista.

Fazendo-se uma análise desses dados por Escola (TAB. 8), entretanto, percebe-se a ocorrência do conhecido fenômeno da auto-citação, pois a UFMG continua,



sim, ocupando a primeira posição, mas apenas na sua própria lista; na da USP, igualmente, é a própria USP que vem em primeiro lugar. Por outro lado, é interessante notar que parece haver uma espécie de "síndrome de rivalidade" funcionando em cada uma das duas escolas em relação à outra, o que acaba por beneficiar a terceira colocada geral - a UnB - que passa ao segundo lugar nas listas individuais por Escola, enquanto a USP ocupa o terceiro lugar na lista UFMG e esta ocupa também o terceiro lugar na lista USP.

Entretanto, os resultados mostrados nestas duas últimas tabelas combinam, de forma muito harmoniosa, com a avaliação dos cursos de graduação de biblioteconomia feita pelo *Guia do Estudante*, conforme se pode observar da TAB. 1. De acordo com essa avaliação, e como observado acima, os cursos da UFMG e da USP são os dois únicos com quatro estrelas, o máximo de cotação do Guia para os cursos da área. Combinam também, de forma muito coerente, com o outro tipo de avaliação acadêmica referida, a avaliação dos cursos de pós-graduação da área feita pela CAPES (Anexo 2). Os cursos da UFMG e da USP são também os primeiros colocados, enquanto a UnB está em segundo lugar. As discrepâncias havidas são analisadas a seguir.

TABELA 7
Instituições nacionais mais produtivas da literatura didática de biblioteconomia

Instituição	% *
1. Universidade Federal de Minas Gerais	16.0
2. Universidade de São Paulo - USP	9.3
3. Universidade de Brasília - UnB	7.7
4. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia IBICT	1.9
5. Fundação Getúlio Vargas - FGV	1.9
6. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ	1.6
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRG	1.6
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ	1.6
9. Arquivo Nacional	1.1
10. Biblioteca Nacional	0.80
CAPES/MEC	
Universidade Estadual Paulista	
Universidade Federal da Paraíba	
Universidade Santa Ursula	
15. CNPq.....	0.5
Escola Brasileira de Administração Pública	
Fundação Escola de Sociologia e Política de SP	
Fundação João Pinheiro	
Instituto de Ensino Superior Senador Flaquer	
Instituto Técnico de Aeronáutica	
SERPRO	
Unicamp	
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES	
Universidade Federal Fluminense - UFF	

26. Associação Paulista de Bibliotecários.....	0.3
Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro	
CEBRAP	
Centro Experimental de Educação Jean Piaget	
CONDEPE	
Departamento Nacional da Produção Mineral - DNPM	
Faculdade de Filosofia de Catanduva	
Faculdade Integradas Teresa d'Ávila/Lorena	
Fundação Educacional de São Carlos	
GFI Consultoria e Treinamento	
Instituto de Pesquisas Antropológicas	
IPEA	
Instituto Mackenzie	
Klabin Papéis S.A	
Micro-Systems	
Ministério da Ciência e Tecnologia	
MEC	
Petrobrás	
Prefeitura Municipal de São Paulo	
PUC/SP	
PUCCAMP	
SENAC	
Senado Federal	
Tribunal de Justiça de Sergipe	
Universidade do Estado da Bahia	
Universidade Estadual de Londrina	
UFBA	
UFF	
UFPI	
UFPR	
UFRRJ	
UFSC	
Universidade Gama Filho	

* As percentagens referem-se ao total da amostra, inclusive a literatura estrangeira

Uma visão melhor da produtividade das instituições que oferecem cursos de biblioteconomia é o que nos mostra a TAB. 9. Apenas 18* das 30 instituições brasileiras que oferecem esses cursos se fazem presentes nessa tabela, o que significa que apenas cerca de 2/3 dessas 30 instituições contribuíram para a bibliografia estudada. Não há, certamente, garantia de que todos os autores estejam ligados especificamente ao respectivo curso de biblioteconomia/ciência da informação, embora o mais provável é que o sejam.

Há uma relação evidente entre cotação no *Guia do Estudante* e produtividade como definida neste estudo. Do grupo com a cotação mais baixa no *Guia* - uma estrela - não há qualquer contribuição, enquanto todos os integrantes do grupo com

* A UFRJ não oferece curso de graduação, apenas de mestrado. É incluída aqui para efeito de outras análises

TABELA 8

Instituições nacionais mais produtivas da literatura didática de biblioteconomia, por escola (em%*)

EB/UFMG		ECA/USP	
1.UFMG	16.8	1.USP	26.2
2. UNB	7.0	2.UNB	11.5
3.USP	6.0	3.UFMG	9.8
4.IBICT	2.5	4.IBICT	4.9
5.FGV	1.9	5. Esc. Bras. Adm. Púb. Petrobrás	1.6
PUC/RJ		SERPRO	
UFRGS		UFPI	
UFRJ			
9.Arquivo Nacional	1.3		
10.Biblioteca Nacional	0.9		
CAPES/MEC			
Univ. Est. Paulista			
UFPB			
Outras Instituições	18.3		

TABELA 9

Instituições acadêmicas nacionais com cursos de biblioteconomia

Instituição	%*
1. UFMG	16.0
2. USP	9.3
3. UnB	7.7
4. UFRGS	1.6
UFRJ	
6. Unesp	0.8
UFPB	
Universidade Santa Ursula	
9. Fundação Escola de Sociologia e Política de SP	
UFPE	
UFES	
UFF	
13. Faculdades integradas Tereza d'Avila/Lorena.	0.3
Fundação Educacional de São Carlos	
PUCCAMP	
Universidade Estadual de Londrina	
UFBA	
UFPR	
UFSC	

* As porcentagens referem-se ao total de literatura identificado, inclusive a literatura estrangeira.

a cotação máxima - quatro estrelas - contribuíram para a bibliografia analisada. Os outros dois grupos - duas e três estrelas - compõem com 50% e 89%, respectivamente, o que sugere, fortemente, que quanto maior é a cotação no *Guia* maior a probabilidade de que a instituição esteja presente na bibliografia. É hipótese a ser testada com uma amostra maior de cursos.

A relação entre cotação no *Guia* e posição no *ranking* estabelecido por este estudo pode ser melhor visualizada na TAB. 10. É possível formar um grupo, posicionado no topo, constituído de cinco escolas - UFMG, USP, UnS, UFRGS e UNESP - cuja avaliação coincide perfeitamente nas duas fontes, ou seja, começa com as instituições com cotação de quatro estrelas no *Guia* (UFMG e USP) e continua com as de três estrelas (UnS, UFRGS e UNESP). A partir daí temos um grupo intermediário onde a avaliação não coincide, pois algumas instituições estão melhor posicionadas num ranking do que no outro.

TABELA 10
Relação entre avaliação deste estudo e cotação no Guia do Estudante

Ranking deste Estudo	Cotação no Guia (em estrelas)
1. UFMG	4
2. USP	4
3. UnB	3
4. UFRGS	3
5. UNESP	3
UFPB	2
USU	2
8. FESP/S	3
UFES	2
UFF	2
UFPE	2
12. PUCCAMP	3
UEL	3
UFPR	3
UFSC	3
FITA/Lorena	2
UFBA	2
UFSC	2



TABELA 11
Relação entre avaliação deste estudo e avaliação da CAPES, para Cursos de Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Ranking deste estudo	Avaliação da CAPES
1. UFMG	A
2. USP	A
3. Un	A-
4. UFRJ	A-
5. UFPB	B
6. PUCAMP	B+

É nesse grupo intermediário que ocorrem as discrepâncias entre as duas avaliações, sendo que merecem destaque: a UFPB e a USP estão melhor avaliadas neste estudo, ao passo que estão pior avaliados os cursos de Londrina, PUCAMP, UFPR e UFSC.

Finalmente, há um terceiro e último grupo - São Carlos, Teresa d'Avila e UFBA - cuja avaliação também coincide nos dois *rankings*.

Por outro lado, tomando-se apenas os cursos de pós-graduação, as discrepâncias são menores. Conforme se pode observar na TAB. 11, há uma concordância quase geral entre o *ranking* deste estudo e a avaliação da CAPES. A única diferença ocorre em relação aos cursos da UFPB e PUCAMP, que inverteram as posições. O primeiro ficou melhor colocado que o segundo, neste estudo. Mas, como na avaliação da CAPES, aqui também os dois continuaram ocupando as duas últimas posições.

9 Limitações

É bom lembrar que a pesquisa trabalhou com um número reduzido de cursos - apenas dois - sendo certamente interessante ampliar-se este tipo de estudo com um número maior de cursos. Dessa forma, fenômenos como a auto-citação poderiam ter menor impacto no resultado final.

10 Conclusão

A literatura utilizada no ensino de graduação em biblioteconomia na EB/UFMG e na ECA/USP é, em sua maioria, de autores brasileiros, embora com um bom per-

centual de material de autores estrangeiros.

Um bom número de instituições nacionais com cursos de biblioteconomia - cerca de 60% - estão representadas na bibliografia estudada. É óbvio que o ideal seria que esse número fosse muito maior, se aceitamos o pressuposto que a presença nessa bibliografia significa que produziram e que essa produção teve um aproveitamento didático e que isso é indicador de alguma qualidade desse material.

Os dados indicam que não há grandes divergências entre o *ranking* dos maiores produtores didáticos, obtido com este estudo, e os *ranking* baseados nas avaliações acadêmicas disponíveis; mas houve alguma discrepância. Isto sugere que uma avaliação com a metodologia aqui proposta, combinada com essas outras avaliações existentes, pode oferecer um perfil melhor da produtividade dos cursos de biblioteconomia. Além disso, tomada em separado, esse tipo de avaliação, com a conseqüente identificação de instituições e autores mais produtivos, pode significar uma recompensa intelectual para aqueles que se dedicam à produção de textos. Com isso, esses autores certamente se sentirão estimulados a produzir mais nesse tipo de formato, o que se entende ser um objetivo a perseguir, dada sua importância e a carência existente.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer às bibliotecárias Denise Maria Ribeiro Moreira e Ana Marta Accoroni Gonçalves que, alunas da EB/UFMG à época de realização desta pesquisa, colaboram com o trabalho de levantamento e processamento dos dados.

Literature used in the library science undergraduate courses in Brazil: institutional productivity

Characteristics of the bibliography included in the syllabi of library science undergraduate courses of the Federal University of Minas Gerais and University of São Paulo. Identification of the institutions and authors of this bibliography and establishment of the ranking of these institutions on the basis of the number of authors of each one present in the bibliography. There are differences between this ranking and two other rankings of academic excellence of Brazilian universities which makes appropriate the establishment of the new ranking.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SUBRAMANYAN, K. **Scientific and technical information resources**. New York : M. Dekker, 1981.
2. ZIMAN, John. Information, communication, knowledge. In: SARACEVIC, Tefko (Ed.). **Introduction to Information science**. New York : Bowker, 1970. p. 76.
3. id.
4. CRONIN, Blaise et al. Accounting for influence: acknowledgments in contemporary sociology. **Journal of the American Society for Information Science**, V. 44, n.7, p. 406-412, Aug. 1993.
5. FIGUEIREDO, Nice M. de. **Avaliação do uso de material didático nos cursos de biblioteconomia/ciência da informação no país, a nível de graduação**. Rio de Janeiro: CNPq/ IBICT, 1991.
6. FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Reflexões em torno da formação e da educação continuada do profissional bibliotecário. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, v.20, n. 2, p. 161-175, jul./dez. 1991.
7. MACIEL, Alba Costa. **Planejamento de bibliotecas: o diagnóstico**. Niterói : Universidade Federal Fluminense, 1987.
8. OLIVEIRA, Nirlei Maria. **Avaliação do planejamento das bibliotecas universitárias brasileiras**. Campinas, 1993. Dissertação (Mestrado em educação) - PUCCAMP, 1993. 106p.
9. SCHLEYER, J. R., C.A Introdução. In: FIGUEIREDO, N. (Ed.). **O ensino de biblioteconomia no Brasil**. Brasília : CAPES, 1978. V. 3, p. 1-18.
10. id.
11. GOMES, Hagar E. O ensino de bibliografia. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v.5, n.1, p.93-104, mar. 1976.
12. FIGUEIREDO, Nice M. de. **Avaliação do uso de material didático nos cursos de biblioteconomia/ciência da informação no país, a nível de graduação**. Rio de Janeiro: CNPq/ IBICT, 1991.
13. FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Reflexões em torno da formação e da educação continuada do profissional bibliotecário. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, v.20, n.2, p. 161-175, jul. Idez. 1991.
14. id.
15. KRONICK, D. **The literature of the life sciences**. Philadelphia : ISI Press, 1985.
16. LIU, M. The complexities of citation practice: a review of citation studies. **Journal of Documentation**, v.49, nA, p.370-408, Dec. 1993.
17. CLARK, K. E. **Psychologists: a survey of a growing profession**. Washington, D. C.: American Psychological Association, 1957. apud Liu, op. cit.
18. COLE, J., COLE, S. Measuring the quality of sociological research problems in the use of *Science Citation Index*. **American Sociologist**, v.6, n.1, p. 23-29, 1971.
19. LAWANI, S. M., BAYE, A. E. Validity of citation criteria for assessing the influence of scientific publications: new evidence with peer assessment. **Journal of the American Society for Information Science**, V. 34, n.1, p. 59-66, Jan. 1993.
20. GUIA do estudante 92/93, São Paulo: Abril, 1993.
21. AVALIAÇÃO da pós-graduação; síntese dos resultados. Brasília: CAPES, 1993.
22. id.
23. SCHLEYER, J.R., COLONELLI, C.A. op. cit.

ANEXO I

Cursos de graduação em biblioteconomia - ranking de acordo com o guia do estudante

Posição/Universidade	Cotação em estrelas
1. MG: UFMG* (1950)** SP: USP (1967)	4
3. DF:UnB (1963) PR: UEL/Londrina (1972) UFPR (1952) RJ: UNI-RIO (1910) RS: UFRGS (1947) SC: UFSC (1973) SP: Fundação Esc. Sociol. e Pol. (1940) PUC/Campinas (1945) UNESP/Marília (1977)	3
12. AM: UA (1966) BA: UFBA (1942) CE: UFCE (1965) ES: UFES (1974) GO:UFG (1980) MA:UFMA (1969) PA: UFPA (1963) PB: UFPB (1969) PE: UFPE (1950) RJ: UFF (1963) USU (1957) RS: FURG (1974) SC: UDESC (1974) SP: FITA/Lorena (1975) FITA/Santo Andre (1976) Fund. Educ. de São Carlos (1959)	2
28. MG: Fund. Educ. Comunitária Formiguense (1967) SE: Fac. Int. Tiradentes (1986) SP: Fac. Teresa Martin (1981)	1

Fonte: Guia do Estudante, Editora Abril, 1993.

* O nome por extenso o correspondente a estas siglas pode ser encontrado no Guia

** Ano do início do curso

175

+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+
+

ANEXO II

Cursos de mestrado em ciência da informação - ranking de acordo com a avaliação da CAPES no período 1990/1991

Posição/Universidade	Conceito
1.UFMG (1977)* USP** (1972)	A
2. UFRJ (1970 UNB (1978)	A-
4. PUC/ Camp (1977)	B+
5. UFPB (1978)	B

Fonte: Capes, 1993.

*Entre parenteses aparece o ano de início de cada um dos cursos de mestrado.

** Curso de Mestrado em Ciência da Comunicação, incluindo a especialidade Ciência da Informação.